

## *KAPLÚN E A COMUNICAÇÃO POPULAR*

---

*Nívea Bona, Marcelo Luis Conteçote\**

*Laílton Costa\*\**

### *INTRODUÇÃO*

Verificar a inter-relação entre comunicação e educação é, obrigatoriamente, passar os olhos na produção de Mario Kaplún. Mas não se pode resumir a grande contribuição dada por esse inquieto pensador na busca constante por respostas sobre o papel dos meios de comunicação, na educação comunicativa popular que Kaplún sempre empenhou-se em realizar ou nas suas conclusões escritas e deixadas póstumas. Kaplún é um dos pensadores que não podem ser lidos no papel. Sua vida é retrato de sua caminhada reflexiva e seu marco é a pesquisa que começa na prática, nas dores cotidianas e nas lutas de diversos grupos populares para depois se transformar em material sistematizado, “manualizado” e que possa ser utilizado por outrem. Na leitura da trajetória de Mario Kaplún percebe-se que ele destinava a um segundo plano a possibilidade de registrar e sistematizar suas reflexões. Mas as registrou quando percebeu que disso dependeria a democratização de suas descobertas e conclusões. Seu filho, Gabriel Kaplún, reflete sobre algumas marcas deixadas por Mario Kaplún:

Algunos recuerdan los debates que animaban en la televisión uruguaya de los 60. Otros sus programas radiales que recorrieron las emisoras del continente. Sus libros sobre comunicación popular y educativa. Su trabajo con grupos y organizaciones de base. Su compromiso político, pedagógico y cristiano. Su presencia de viajero incansable en cada país de nuestra América Latina. “Tu viejo vive viajando”, me decían a veces. Me gusta pensar que ahora sigue viajando, y de ese modo viviendo entre nosotros. (KAPLÚN G., 1998)

---

\* Mestrando em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo - SP.

\*\* Mestre em Comunicação Social – Universidade Metodista de São Paulo - SP.

Por esse motivo, conhecer Mario Kaplún, inclui necessariamente saber por quais terras caminhou ou que desafios práticos aceitou. E junto a isso perceber nas entrelinhas que o chão faz o caminhante, ou o viajante, como seu filho gosta de chamá-lo.

### 1. A JUVENTUDE

Mario Kaplún nasceu em 1923, em Buenos Aires – Argentina. Fez magistério sem exercê-lo e, sem terminar, cursou Filosofia e Psicologia. Sua família era judia. Mais tarde, a partir de estudos aprofundados, Kaplún opta pela filosofia cristã.

(...) Kaplún estuvo muy ligado a la teología de la liberación y, específicamente al grupo de referencia del teólogo Juan Luis Segundo, cuyos manuales de teología incluso llegó a adaptar para la radio. La discusión que mantiene com el teólogo Pedro Trigo em la revista SIC em el año 1985 refleja um profundo conocedor de la teología de la liberación, de sus análisis y de sus categorías interpretativas. (AGUIRRE *apud* MARQUES DE MELO, 2006, p. 49)

Seu primeiro olhar na área da comunicação foi em direção ao rádio. Segundo Gabriel Kaplún, gostava de ficar perto da “caixa de madeira com válvulas”<sup>1</sup> do avô. Assim, como ouvinte, inicia-se uma paixão que o acompanhou durante a vida toda. Aos 19 anos começa a escrever programas de rádio. Um dos primeiros “guións” versava sobre a história argentina e fazia parte de um compêndio maior: “Escuella del Aire”. Nesta experiência de escrever dois roteiros por semana e ainda dirigir toda a equipe técnica e de atores que fazia o programa, o mestre, sem ter dado aulas, percebeu um atalho para o casamento entre educação e comunicação: os roteiristas não faziam adaptações didáticas e os educadores não tinham o conhecimento técnico do rádio para poder aproveitá-lo para fins educacionais.

El director de la red de emisoras, que me conocía um poco, se acordo de mí. Ya que habian hecho tantos intentos infructuosos, por qué no hacer uma prueba más com esse jovencito aficionado ‘que escribía bien’, que además era maestro y no estaba contaminado por los vicios del oficio? (KAPLÚN, M., 1993)

Na própria rádio conheceu a mulher que o acompanharia nas viagens pela América Latina, pelas reflexões e trabalhos voltados para os movimentos populares e pela vida. Em 1944, casou-se com Ana Hirsz e com ela teve 3

<sup>1</sup> El viajero, Gabriel Kaplún, 1998.

filhos: um que é sociólogo na Espanha, outro é geógrafo na Venezuela e Gabriel Kaplún, que atua com comunicação, na senda do pai, na Universidad de la Republica no Uruguai.

Em 1951, o governo peronista força-o a viver no Uruguai, que seria sua pátria adotiva durante muito tempo. No Uruguai, as próprias necessidades financeiras fizeram com que Kaplún fosse trabalhar em uma agência de publicidade. Chegou a ser sócio de uma delas e a ser visto e respeitado como um grande criativo. Acabou não gostando da área, mas fez bom uso do conhecimento que adquiriu de “dentro e de fora” da publicidade.

Me hizo conocer la publicidad por dentro, haciendola y viviendola. Mi lectura critica de la publicidad no es de segunda mano. Mi conocimiento de los médios, de sus modos de produccion, de su lógica comercial, tambien emana de um contacto directo com ellos. Quizá por eso tengo de los médios una visión menos ingênua e idealizada que algunos colegas. (KAPLÚN, M., 1993)

Depois da experiência na publicidade começou a fazer tevê nos anos 60. O destaque vai para o programa de debates no canal 12 de Montevideú. Ficou 6 anos no ar conquistando altos índices de audiência. A “Sala de Audiências” que depois para o rádio tomou o nome de “Club del Libre Debate” era uma simulação de um julgamento em que se colocavam atores representando autoridades e líderes dos diversos grupos sociais para discutir assuntos da atualidade política e social. Foi premiado como apresentador, mas a ditadura uruguaia forçou o final do programa: “Mi sala de audiências era un espacio polémico, de debates (políticos, sociales, etc). Cada emisión duraba cerca de dos oras. Sala de Audiências se convirtió em una gran tribuna nacional” (KAPLÚN, M., 1993)

## 2. *MATURIDADE*

No final dos anos 60 e começo dos 70, Kaplún volta a trabalhar com rádio, criando roteiros de ficção, no formato de um júri que julgava temas de interesse social, para o programa Jurado 13.<sup>2</sup> O trabalho foi premiado em concursos de programas de rádio e chegou a ser traduzido para o português, o quechua e o aymara. Foi também transmitido por mais de 600 emissoras de rádio em toda a América Latina e o estimulou a estudar a realidade de cada região e país para construir roteiros adequados em cada emissão. A fim de coletar informações, viajou por 7 países da América Latina com sua esposa

---

<sup>2</sup> Alguns dos programas Jurado 13 estão disponíveis para audição na página do SERPAL, Servicio Radiofónico para a América Latina: [www.serp.al.org](http://www.serp.al.org)

Ana. “Jurado 13 há sido la producción que más satisfacciones me há dado y más me há hecho conocer em toda América Latina.” (KAPLÚN, M., 1993). É importante ressaltar que o próprio nome do programa convoca o “ouvinte” a ser atuante, participante na discussão. O sítio na internet do Serpal assim define o programa:

Em forma de proceso se plantea situaciones conflictivas típicas de los países latinoamericanos. Se desarrollan estos casos ante el ‘tribunal del pueblo’, donde no lugar de los 12 jurados abituales, hay uno más: el oyente. Cada proceso plantea al grupo um problema concreto com todas sus implicaciones sociales, políticas e humanas. Interpela al jurado 13, poniendo em cuestión prejuicios, ideas y actitudes. Cada capítulo deja abierto um interrogante para que el grupo reflexione, discuta e tome posición.<sup>3</sup>

Em 1971, Kaplún ganha o prêmio mundial UNDA – Sevilha –, tulipa de prata para produções do Terceiro Mundo com o programa El Padre Vicente (Diário de um cura de barrio). O programa foi produzido em cinco séries que reuniram em torno de 200 programas e foi traduzido para diversos idiomas além de ter sido difundido nos EUA e Filipinas.

Os anos 70 foram de grande produtividade no âmbito acadêmico. Em 1971, também organizou o Colóquio Latino-americano sobre Comunicação Popular, em Montevideú. Reuniu ali os Mattelart e outros estudiosos mesmo sob a repressão da ditadura. Deste encontro nasceu a revista *Comunicacion y Cultura*.

Nessa época, Kaplún inicia a pesquisa sobre o panorama quantitativo e qualitativo dos meios de comunicação na América Latina, analisando a programação de 51 canais de 15 países. A pesquisa transforma-se no primeiro livro: “La Comunicacion de Masas em América Latina”, publicado em Bogotá, em 1973.

Em 1973, Kaplún começa a trabalhar com diversas experiências de Leitura Crítica dos Meios com grupos de profissionais de comunicação no Peru, estudantes de nível médio no Uruguai, trabalhadores e sindicalistas na Venezuela e agentes pastorais da Igreja Católica. O “Curso de Lectura Crítica”, produto desse trabalho, ainda continua sem publicação. A Unesco editou em 89 o primeiro módulo: “Lectura Crítica de la Publicidad” e outro trecho deste trabalho está disponível na internet<sup>4</sup> sob o nome “Comprender la comunicacion masiva”. Segundo Gabriel Kaplún<sup>5</sup>, ainda há módulos deste

<sup>3</sup> <http://www.serpal.org/jurado.php>

<sup>4</sup> Para comprender la comunicación masiva. 2005 – disponível em <http://www.comunit.com/la/pensamientoestrategico/pensamiento2005/pensamiento-38.html>. último acesso em 09/01/07.

<sup>5</sup> Em entrevista concedida por e-mail a Nívea Bona no dia 12/10/06

material sem publicação. No ano de 1974 ministra curso de rádio no Peru, convidado por Darcy Ribeiro, a comunicadores de diversas organizações estatais. E em 1976, o Ciespal o convida para ministrar cursos de rádio educativa em Quito, no Equador. O trabalho de “ensinar” o faz refletir sobre sua missão: “Así, de productor de mensajes, pasé a ser capacitador y potenciador de nuevos emisores populares” (KAPLÚN, M., 1993).

Ainda em 1976, um dos seus principais legados, o método grupal Casete-foro, é disseminado e recebe ajuda financeira de Luiz Beltrán e Elizabeth Fox para exercitá-lo em grupos de agricultores uruguaios, em 77 e 78. Os detalhes sobre o método são apresentados sucintamente mais a frente neste texto.

Os anos 70 trouxeram junto com toda a produtividade do pensador, o recrudescimento das ditaduras e, mais uma vez, Kaplún precisa se mudar. Em 1978, a Venezuela o recebe. No novo lar entra definitivamente na área da educação. Atua como professor na Universidade de Trabalhadores da América Latina e ministra cursos para dirigentes e sindicatos. Publica dois livros: “Produccion de programa de radio” e a primeira edição do “Casete-foro: um método de comunicacion participativa”. Na Venezuela, o método casete-foro se rebatizaria como “Foruco”: nos forma, nos une e nos comunica.

A passagem pela Venezuela mostra o casal Kaplún<sup>6</sup> (Mario e Ana) profundamente comprometido com a opção pela ação popular, mesmo entendendo que a área acadêmica se fazia necessária:

[...] esos otros lugares están mucho más atendidos y cubiertos por otros colegas. Nosotros intentamos llenar un espacio mucho más vacío y que sentimos necesario, más aún, imprescindible: el de la comunicación popular, el de la educación popular, el del trabajo de base. (KAPLÚN, M. apud AGUIRRE, 2005 p. 51)

Em 1979, Kaplún vem ao Brasil e realiza curso de Comunicação Rural Participativa na Universidade Federal de Pernambuco. Sua outra visita ao Brasil se daria em 1986, ministrando o curso “Metodologia Integral de Produção” na Universidade de São Paulo.<sup>7</sup>

Nos anos 80, Kaplún começa a atuar no Centro de Serviço de Ação Popular – o Cesap – cuidando da Divisão de Comunicação e Cultura Popular. Diversos cursos de comunicação popular, fotografia, produção de audiovisuais

<sup>6</sup> Ana foi coautora de um texto intitulado “Testimonio de opción por la clases populares”, no qual o casal explica os motivos que os levam a trabalhar em prol da autonomia comunicativa dos menos favorecidos. Publicado na Revista SIC, vol 48, número 476, Centro Gumilla, 1985, p. 249-250.

<sup>7</sup> Há um trabalho sobre esse curso ministrado por Kaplún no banco de dados da Intercom realizado pelas professoras Maria Otilia Bocchini e Alice Mitika Koshiyama sob o título A Docência em Comunicação Social: Lições de Mário Kaplún.

e teatro são realizados em toda a Venezuela. Seu método de participação e formação de comunicadores-educadores populares atingiu 16 países da América Latina. Alguns comunicadores formados por esses cursos fundaram depois em Mérida, na Venezuela, a “Escola de Comunicadores Mario Kaplún”.

Alguna semilla debo haber dejado de todos aquellos años de trabajo popular em Venezuela; porque, dos años después de mi retorno al Uruguay, me llegó una noticia insólita: algunos de los comunicadores formados em nuestros cursos habian fundado una Escuela de Comunicadores Populares y la habian bautizado com mi nombre (!). Al principio me negué a creerlo, supuse que era una broma. (KAPLÚN, M., 1993)

De 81 a 85, ainda morando na Venezuela, Kaplún realiza projetos acadêmicos, mas não se distancia da prática, sua marca de atuação. Leciona na Universidade Central da Venezuela e trabalha em duas rádios: Netherland Trainin Centre e Occidente. Foi enviado também ao México como consultor para auxiliar na elaboração do Plano Nacional de Comunicação Social. Além disso, ministrou cursos de produção de radiodramas para jovens escritores.

Em 1983 Kaplún realiza, a pedido da UNESCO, estudo das distintas tendências e estratégias de comunicação na educação de adultos latino-americanos. O resultado do trabalho é apresentado em Havana sob o título “Hacia nuevas estrategias de comunicacion em la educacion de adultos”. A Unesco publicou os resultados desse trabalho em Santiago do Chile. Em 1984, ministra curso de Comunicação e Educação na Faculdade de Educação da Universidade do Valle, na Colômbia. Neste ano ainda é publicada em Ottawa uma segunda edição, mais completa, do “Comunicación entre grupos. El método del Cassete-foro”.

Em 1985, último ano vivendo na Venezuela, publica, com apoio do CIESPAL, a primeira edição do livro “El comunicador popular” e a sistematização do conhecimento adquirido na construção dos programas de rádio: “Un taller de radiodramas: su metodologia, su proceso”.

Em 1986, volta ao Uruguai e constrói, junto com outros colegas, um plano de estudos para criar uma Especialização em Comunicação Educativa. Também neste ano aceita o convite do Conselho de Educação de Adultos da América Latina – CEAAL – para coordenar o Programa Latinoamericano de Comunicação Popular, até 1988. Nessa época fundou o Pregonero, um boletim latino-americano de Comunicação Popular. Ainda em 1986, presta curso e se torna catedrático na Universidade Nacional. Pedagogia da Comunicação era a disciplina sob sua responsabilidade.

Luego de vários años de práctica, estoy cada vez más convencido de la validez de esa propuesta. Además de la comunicación aplicada al campo de la enseñanza, en la opción convergen las dimensiones sociales nuevas y no convencionales de la comunicación: comunicación comunitaria y popular, comunicación para el desarrollo... (KAPLÚN, M., 1993)

Em 1987, realizou estudo sob encomenda da Unesco sobre a democratização das comunicações na perspectiva do ano 2000. Neste estudo focou-se nos problemas de recepção e nos aspectos culturais. A partir de então, preocupa-se centralmente com a recepção crítica das mensagens. Publicou um livro junto com Maria Elena Hermosilla: “La educación para los medios em la formación del comunicador social”.

Os anos 90 foram anos de reflexão sobre a caminhada. Inquieto, Kaplún sabia que deveria repensar o que já foi construído e questionar-se sempre era uma de suas atitudes comuns. Em 1990 e 1991, realizou estudo de caso com 20 programas (formais e informais) de sete países da região. O estudo foi publicado em 1992, sob o título “A la educación por la comunicación: la práctica de la comunicación educativa”.

Realizou ainda neste período estudo para o Centro Cooperativista do Uruguai sobre as assembléias das cooperativas vistas pelo ângulo da comunicação. Os resultados foram utilizados por dirigentes das cooperativas uruguaias.

Em 1992 concluiu estudo junto com Teresa Herrera sobre a recepção televisiva – modos de recepção, hábitos e atitudes das tele-audiências. E em 1995 inicia pesquisa sobre recepção em tevê e continua as investigações sobre educação e comunicação.

Em 1998, começando a voltar suas atenções para o estudo da educação a distância, publica seu último livro em vida: “Una pedagogía de la comunicación” e falece, aos 10 de novembro.

Sus últimos trabajos, que quería y no pudo ampliar y profundizar, ponían una mirada lúcida sobre el universo virtual de la informática, sus potencialidades y límites pedagógico-comunicacionales. Desmitificando conceptos como el de interactividad, casi siempre referida a la relación hombre-máquina, y subrayando el de interacción, en tanto relación entre seres humanos. (KAPLÚN, G., 1998)

Sua companheira de vida toda, Ana Hirsz, falece aos 15 de março de 2004. “No he podido registrar mi deuda de gratitud com Ana, mi compañera: a la vez mi juez más lúcido y mi mejor maestra y colaboradora.” (KAPLÚN, M., 1993)

### *3. O MÉTODO DO CASSETE-FORO*

Sempre oscilando entre a produção teórico-intelectual e a produção propriamente dita nos meios de comunicação, Kaplún, além de deixar livros e escritos que são hoje referência no debate sobre as relações entre a comunicação e a educação, foi mentor de diversas práticas de comunicação educativa com um aspecto comum: fazer dos veículos de comunicação (pois assim ele os compreendia) os melhores instrumentos de educação de um povo. Um dos métodos criados por ele foi o Cassete-Foro, objeto exclusivo de um de seus livros e que descreveremos brevemente neste tópico.

O método do Cassete-Foro (CF) é “(...) sistema de comunicação para a promoção comunitária e a educação de adultos, colocado a serviço de organizações populares – rurais e urbanas – centrais cooperativas, centros de educação popular, programas de educação à distância, etc.” (KAPLÚN, 1988, p. 9). Em linhas gerais, trata-se de um sistema de intercâmbio entre comunidades de fitas-cassete gravadas por elas mesmas e pelo grupo organizador com mensagens e conteúdos diretamente relacionados ao seu interesse. De acordo com Kaplún, o método tem sido aplicado com sucesso em diferentes contextos de ação popular e de educação para adultos, junto a grupos que necessitam realizar reflexões e ações em conjunto (KAPLÚN, 1988, p.10). É um método desenhado para promover a auto-gestão e a organização comunitária.

### *4. O PROBLEMA DA FALTA DE COMUNICAÇÃO ENTRE COMUNIDADES*

Uma das fundamentações do CF é a necessidade de se colocar comunidades, afastadas ou não, em contato, em comunicação. Para KAPLÚN, não há desenvolvimento comunitário se os grupos não empreendem uma reflexão comum, num processo de livre troca de idéias e opiniões. Para ele, a criação de atividades como essa é a única certeza de que os processos de desenvolvimento aconteçam de forma verdadeiramente democrática (KAPLÚN, 1988, p.11). “Assim, a democratização da comunicação deve começar (e terminar) no diálogo participativo do pequeno grupo local. (KAPLÚN, 1988, p.12)

Kaplún idealizou e aplicou o CF na década de 1970. A idéia do CF surgiu da constatação, por parte do pesquisador, de que muitas comunidades, apartadas por diversos fatores, mas principalmente o geográfico, acabam se dispersando e tornando cada vez mais infreqüentes os contatos recíprocos. Isso faz com “(...) que cada um [cada comunidade] assuma, no máximo, seu trabalho local, porém sem consciência de outros níveis mais globais; sem uma visão de conjunto, sem perceber o caráter estrutural dos problemas que enfrentam; e, às vezes, perdendo o sentimento de pertencimento a uma organização central, deixando de se sentir parte do todo” (KAPLÚN, 1988, p.13).



É nesse contexto “incomunicativo” que um veículo de comunicação pode ser de grande valor para o desenvolvimento de comunidades de uma mesma região, possibilitando aos grupos a troca de opiniões, experiências e de, principalmente, perceberem que muitos dos problemas que os outros enfrentam também são enfrentados por eles. Essa consciência é o ponto de partida para o empreendimento de ações coordenadas.

KAPLÚN nos apresenta uma lista de benefícios que o CF já levou a diferentes comunidades:

- Permite estabelecer, à distância, uma real comunicação de uma organização central para suas bases, das bases para a organização central, e entre grupos de base entre si;
- Combina uma função informativo-organizativa e uma função formativa;
- Estimula a integração e a coesão grupais;
- Incentiva a atitude de participação;
- Desenvolve também a capacidade de raciocínio e de reflexão dos participantes;
- Como meio de comunicação, facilita a consulta às bases e a tomada de decisão em comum;
- Serve como aporte e instrumento útil para a formação de quadros e para a promoção de novos dirigentes de base. (KAPLÚN, 1988, p.15-16)

O autor, porém, alerta: o CF não deve ser acatado como uma “panacéia”: o processo de organização comunitária é “lento” e “árido”.

## 5. ORGANIZAÇÃO

Um CF tem início com o estabelecimento bem claro dos seus objetivos, tomando bastante cuidado para não fazer comunicação por fazer, que Kaplún chama de “comunicacionismo” (KAPLÚN, 1988, p.51).

Em seguida compõe-se o grupo interlocutor, cuja principal habilidade deve ser a capacidade de escutar (KAPLÚN, 1988, p.63). Nos CFs organizados pelo pesquisador argentino, o grupo era composto por 3, 4 ou 5 pessoas. É necessário que um dos membros possua conhecimentos técnicos em edição de áudio.

Composta a equipe animadora, as comunidades que participarão do CF precisam ser identificadas e escolhidas. Kaplún traçou alguns critérios para este processo: as comunidades participantes precisam residir a uma certa distância geográfica entre si; precisam ter nível sócio-econômico homogêneo; precisam ser voluntários, entre outros (KAPLÚN, 1988, p.58-60). Concomitantemente a essa atividade se realiza também o trabalho de investigação temática, quando o grupo interlocutor sai em busca do maior número de informações das comunidades envolvidas (KAPLÚN, 1988, p.73).

Uma vez constituídos os grupos e eleito o animador de cada um deles, processo para o qual Kaplún sugere também alguns procedimentos, inicia-se o treinamento presencial desses animadores para a atividade (KAPLÚN, 1988, p.74). Feito isso, o grupo animador visita todas as comunidades a fim de realizar pessoalmente o convite formal para participar do CF e ouvirem em conjunto o primeiro cassette.

## 6. FUNCIONAMENTO

Cada ciclo do CF contempla 4 etapas cronologicamente programadas:

**1ª etapa:** os grupos das comunidades recebem, ao mesmo tempo, a fita-cassete com a mensagem gravada pelo grupo interlocutor (geralmente num dos lados da fita).

**2ª etapa:** após ouvirem coletivamente a fita, os grupos discutem entre si o que foi ouvido e tentam responder às perguntas constantes ao final da mensagem. No outro lado da fita, o grupo grava somente as respostas às questões. Após gravar, a fita é remetida ao grupo interlocutor.

**3ª etapa:** o grupo interlocutor recebe as fitas, ouve e registra todas as respostas. Em seguida, após reunião, tem início a edição da próxima fita a ser encaminhada para os grupos, tendo como meta principal conseguir realizar um registro que contemple o maior número possível de informações e pontos-de-vista registrados nas fitas.

**4ª etapa:** ao receber as fitas, os grupos agora têm a oportunidade de ouvir as principais informações, indagações e impasses que as comunidades vizinhas estão enfrentando e o que cada uma delas está fazendo para superá-los. Ao final da edição, seguem-se novas perguntas, feitas pelo grupo interlocutor ou propostas por uma ou mais comunidades. O grupo discute, vira a fita, grava suas opiniões, remete a fita ao grupo interlocutor e um novo ciclo se inicia.

Uma característica importante nesse processo é a clara noção, principalmente por parte do grupo animador, que se o CF pertence a alguém, é à comunidade. Para se ter uma clara noção disso, reproduzimos abaixo trecho da mensagem gravada pelo grupo animador no primeiro CF organizado:

Muitos de vocês nos perguntam sobre quais temas vamos trabalhar no Cassete-Foro. Respondemos: vamos falar sobre o que vocês quiserem. Os donos do Cassete-Foro são vocês. Hoje, para abrir o diálogo, porque alguém tem que começar, serei eu quem lhes informará e questionará a respeito de uma questão; porém, daqui para diante, vocês é que vão eleger e propor os temas. (KAPLÚN, 1988, p.40)

## 7. DESAFIOS

Vários desafios se apresentam ao sucesso do CF. Dentre eles o que poderíamos considerar como principal é o longo processo de melhorar a capacidade reflexiva e, conseqüentemente, expressiva dos indivíduos: “A comunicação participativa é um processo longo. O crescimento dos grupos é lento; a inversão do fluxo comunicativo tarda em se estabelecer. Não há que se desanimar. Uma das condições de todo bom educador é a visão a longo prazo” (KAPLÚN, 1988, p.91).

É importante destacar o pensamento central que Kaplún tem sobre o método Cassete-foro:

A opção por uma comunicação participativa – seja este ou outro método escolhido – não somente responde a um fundamento ético – e de equipar democraticamente as oportunidades de auto-expressão – senão também à busca de uma eficácia. É um princípio já universalmente aceito nas ciências pedagógicas que um método é tanto mais educativo quanto mais favorece a participação ativa dos educandos. Educar-se não é receber lições; é envolver-se num processo dialógico de múltiplas interações comunicativas. Por outro lado, se o autêntico desenvolvimento se fundamenta em formas de organização social baseadas na participação, uma comunicação que incentive a capacidade autogestionária das bases [da sociedade] se apresenta como uma dinâmica necessária para gerar o desenvolvimento. (KAPLÚN, 1988, p.25)

## 8. O CASSETE-FORO HOJE

Passados por volta de 30 anos da idealização e da prática do CF, uma pergunta que se apresenta é se o método continua sendo aplicado até os dias atuais e se – principalmente – é viável ainda sua realização.

Em entrevista realizada por e-mail com Gabriel Kaplún, que tem dado continuidade às reflexões lançadas pelo pai, ele afirmou acreditar que “hoje já não há grupos que trabalhem com o Cassete-foro, porém muitas redes que utilizam internet possuem características similares”.<sup>8</sup>

De fato, é muito difícil imaginar que grupos e comunidades lancem mão do uso da fita cassete e do gravador numa época em que a internet chega a quase todos os países e regiões, mesmo com conexões de baixa velocidade.

Porém, quando pensamos a respeito do método do CF e de sua aplicabilidade nos dias de hoje – independentemente do meio de comunicação que se utilize – acreditamos tanto em sua viabilidade quanto em sua necessidade,

---

<sup>8</sup> Entrevista concedida pelo pesquisador, via e-mail, à Profa. Dra. Cicilia Peruzzo e Nivea Bona, em 12. out.2006.

corroborando o que nos aponta Gabriel Kaplún. Muitas comunidades rurais e urbanas ainda carecem da instituição não só de formas organizativas como de meios de comunicação para troca de idéias, problemas e empreendimentos comuns. Como o próprio Mario Kaplún afirma, estar em permanente contato é a premissa para o desenvolvimento de comunidades, e acreditamos que isso ainda constitua grandes desafios principalmente para as comunidades localizadas em países do terceiro mundo.

### *9. BASES DA COMUNICAÇÃO EDUCATIVA: DIÁLOGO, PRÉ-ALIMENTAÇÃO E EMPATIA*

Kaplún concebia os meios de comunicação como instrumentos de educação popular e fomentadores de um processo educativo transformador. Entendia a expressão “comunicação” como derivada de comunidade, de *comunhão*, que expressava algo que se compartilha, que se tem ou se vive em comum.

Para Kaplún, definir com qual conceito de comunicação se trabalha equivale a externar em que tipo de sociedade se vive. Assim, teorias tradicionais – que entendem comunicação como transmissão de informações – equivalem a uma sociedade concebida a partir do poder, ao passo que na comunicação entendida como diálogo, tem-se uma comunidade democrática. De forma análoga, sinalizava também que a cada tipo de educação há uma concepção e uma prática comunicacional correspondente. Kaplún trabalha com três conceitos de Educação: a que enfatiza o conteúdo (bancária), que enfatiza os resultados (manipuladora) e a que enfatiza o processo (libertadora-transformadora) a que, em resumo, corresponderiam aos tipos de comunicação como transmissão de informação, transmissão de informação e persuasão e comunicação (diálogo).

Temos nesses dois parágrafos as palavras comunicação, comunidade, educação e transformação, com as quais Kaplún procurou desenvolver o que chamou de uma Pedagogia da Comunicação<sup>9</sup>. E o que visava essa pedagogia? Em síntese, preparar comunicadores para empreender uma comunicação social democrática e eficaz que, baseada no diálogo e na participação, deveria servir a um processo educativo transformador em que os sujeitos destinatários compreendam criticamente sua realidade e adquiram instrumentos para

---

<sup>9</sup> *Una Pedagogía de La Comunicación* é o título de um livro publicado no ano da morte de Kaplún dedicado a esta concepção de comunicação dialógica, democrática e transformadora. Possui duas divisões claras: a primeira trata-se, digamos, da discussão teórica de uma comunicação educativa e discute inicialmente modelos de educação e o processo de comunicação educativa; a outra em forma de manual, discute o treinamento e capacitação de emissores-receptores (emirec). O livro, em sua edição espanhola, é a base desse capítulo.

transformá-la. O processo educativo dessa pedagogia constitui o que ele denominou de “educação comunicante”.

### 10. A EDUCAÇÃO COMUNICANTE

Baseado em grande medida na pedagogia de Paulo Freire [cujo objetivo é a educação de adultos], Kaplún ampara-se também na idéias de Antonio Pasquali e Luis Ramiro Beltrán para esta concepção:

A verdadeira comunicação não acontece com um emissor que fala e um receptor que escuta, mas por dois ou mais seres ou comunidades humanas que intercambiam e compartilham experiências, conhecimentos, sentimentos (ainda que a distância através de meios artificiais). (KAPLÚN, 1998, p. 64)

Ele empresta junto ao canadense Jean Cloutier o conceito de *Emirec* (junção das palavras emissor e receptor), para designar o indivíduo “dotado e facultado para ambas as funções” e dotado do “direito a participar no processo da comunicação atuando alternadamente como emissor e receptor” (KAPLÚN, 1998, p. 65).

O ponto de partida para qualquer meio de comunicação educativa<sup>10</sup> é a pré-alimentação:

Toda comunicação democrática começa indo às pessoas, partindo delas e de sua realidade (...) colocar o destinatário não apenas no final do esquema, mas também, *no princípio*: originando as mensagens, inspirando-as, como fonte de pré-alimentação (...) recolher as experiências dos destinatários, selecioná-las, ordená-las e organizá-las e, assim estruturadas, devolvê-las, de tal modo que elas possam torná-los conscientes, analisá-las e refleti-las (...). Quando a mensagem é difundida, o sujeito coletivo pode reconhecer-se nela, identificar-se com ela, ainda que sejam outros atores e não ele o protagonista dando vida à história. Ele é, de alguma maneira, co-autor da mensagem: começa a ser ‘emirec’. (KAPLÚN, 1998, p.78-79).

A pré-alimentação como base da mensagem final, constitui o que o autor nomeia de “formulação pedagógica da mensagem” e, alerta ele, não se trata

<sup>10</sup> Kaplún exemplificava como meios de comunicação suas experiências práticas com jornais participativos (preparados junto a e pela comunidade com pauta baseada na conversa com os leitores e de avaliação coletiva), vídeos dialógicos (vídeos abertos problematizadores - com três finais diferentes, por exemplo -, que requeriam não apenas serem vistos, mas discutidos com o público) peças de teatro de expressão comunitária (peças criadas a partir dos diálogos improvisados a partir de falas espontâneas em que um membro recolhe inquietações com a população e compõe o texto que requer discussão da mensagem ao final da peça) e o Cassete-foro, cuja concepção e metodologia são discutidos neste trabalho.

de tentar refletir a comunidade, mas de procurar fatos e experiências que levem-na a vê-los sob uma perspectiva crítica, analisá-los, discuti-los, refleti-los, conceber um juízo sobre as causas do problema detectado chegando às raízes dele. Daí a idéia de que o modo de apresentar os fatos da comunidade deve ser problematizador, ou seja, deve suscitar a reflexão.

Kaplún conclamava os *educadores* à eficácia, ou seja, à preocupação de que as mensagens não apenas cheguem ao destino, sejam entendidas e despertem o interesse dos sujeitos, mas que, principalmente, mobilizem interiormente a quem as recebe, levando-os a questioná-las, gerando diálogo e participação e alimentando um processo crescente de tomada de consciência.

Para isso, seria preciso fugir da posição de “puro-emissor”, o que se preocupa somente com o conteúdo e que, portanto, reduz a comunicação ao ato de emitir mensagem. Quando o “puro-emissor” se preocupa apenas com o conteúdo, se pergunta apenas o que quer dizer, acaba-se quase sempre em uma comunicação impositiva, autoritária, ainda que esta não seja a intenção daquele que emite, configurando a comunicação “monológica”, por que sua forma de comunicar é um monólogo (KAPLÚN, 1998, p.93).

O contrário dessa prática é a emissão aberta praticada por um “emissor-comunicador”, o que busca estabelecer uma relação com os destinatários de sua mensagem. Enfatiza tanto o conteúdo quanto o destinatário, por isso, importante é se perguntar o que os destinatários esperam escutar:

O comunicador entra então num diálogo imaginário com o destinatário: ‘tem essas inquietudes, tem esses questionamentos. Melhor que uma resposta lhe diz: vem, acompanha-me, vamos buscá-la juntos. Quer dizer, recorramos juntos um caminho, façamos um processo de reflexão, de raciocínio. (KAPLÚN, 1998, p. 95)

Pensar no receptor, entender seus anseios e inquietações leva a outro elemento apontado por Kaplún: a empatia. Para Kaplún, a eficácia da comunicação depende da capacidade empática do comunicador. Mais do que colocar-se no lugar do destinatário, empatia significa “querer, valorizar aqueles com quem tratamos de estabelecer uma comunicação” (KAPLPUN, 1998, p. 99).

Segundo Kaplún, as potencialidades dessa comunicação se efetivam quando é entendida e praticada como componente pedagógico integrante de uma “nova concepção de educar”, que potencialize os emissores, ou seja, o “educando ouvinte” emerge à condição de “educando falante” (KAPLÚN, 1998, p. 223). Mas isso não ocorre em um sistema educacional dirigido a “indivíduos isolados”, meros receptores de instruções (o exemplo dado é o ensino voltado à preparação de recursos humanos para o mercado de trabalho e também em sistemas de educação a distância) que inibem a expressão do

estudante<sup>11</sup>, por se tratar de uma “educação concebida para um educando silencioso, definido como receptor [...] que permanece eternamente incommunicado” (KAPLÚN, 1998, p. 230). Em outras palavras, uma das exigências fundamentais do processo educativo, na visão de Kaplún, é a aquisição da “competência comunicativa” (1998, p. 238).

A idéia de Kaplún é uma matriz educativa – agora chamada *educação comunicante* – dirigida a pessoas em relação com outras, portanto, “inter-grupal”, “pluridirecional” e “socio-interacionista”. Mais que a aprendizagem, sua principal função é prover aos educandos canais e fluxos de comunicação, redes de interlocutores, próximos ou distantes (porque não prescinde dos sistemas de auto-aprendizagem e de educação a distância) para o intercâmbio de mensagens (KAPLÚN, 1998, p. 244) e o processo de aquisição de conhecimento.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mario Kaplún deixou marcas profundas e definiu a trajetória de diversos grupos que, até hoje, investem no desenvolvimento de uma comunicação educadora, ou de uma educação comunicante. Estudar sua caminhada e desvendar suas descobertas significa não só andar nos mesmos passos de alguém que, antes de falar ou “emitir” as mensagens, foi muito competente em ouvir. E a partir da própria sensibilidade do que era necessário ser feito ou do caminho que deveria ser trilhado, abriu sendas para outros continuarem a mesma luta.

A partir da vida de Kaplún e de suas principais reflexões podemos perceber, antes de qualquer outra qualidade, a coerência de quem escreveu ou mesmo ensinou aquilo que viveu. Esse é um exemplo que muitos grupos e movimentos sociais estão seguindo: fazer a caminhada enquanto se anda, prestando atenção aos sinais e às necessidades “educativas” que surgem ao redor.

Reinventar Kaplún e seu legado, questionar, refazer e reeditar é desafio que se impõe aos indivíduos que hoje se interessam em colocar a comunicação e a educação numa mesma trilha: a da transformação social.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIRRE, J. M. Kaplún, pesquisador. Ultrapassando a pesquisa-denúncia. In: MARQUES DE MELO *et. al.* (Orgs.). *Educomídia: o legado utópico de Mario Kaplún*. São Bernardo do Campo: Unesco / Universidade Metodista de São Paulo, [s.i.]. 2006. p. 47-62.

KAPLÚN, Gabriel. **Entrevista concedida** por e-mail em 12 out. 06 para o grupo.

\_\_\_\_\_. **El e-learning: una revolución sin pedagogia?** - Gabriel Kaplún - II seminário Latinoamericano de ALAIC - La Plata 29,30 y 31 de agosto de 2001 - Mesa 2 - comunicación e educación.

\_\_\_\_\_. **El viajero**. Chasquí, n. 64, dezembro, 1998.

KAPLÚN, Mario. **Comunicacion entre grupos**: el método del Cassete-Foro. Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1988.

\_\_\_\_\_. **Del educando oyente al educando hablante**. Revista diálogos de la comunicación. FELAFACS, no 37, p 18-28, setembro, 1993.

\_\_\_\_\_. **Hacia nuevas estrategias de comunicacion en la educacion de adultos**. Santiago: Oficina Regional de la Unesco para America Latina y el Caribe, 1983.

\_\_\_\_\_. Mis **cincuenta años de aprendiz de comunicador**. Mini-autobiografía profesional de Mario Kaplún. Boletim ALAIC. México: ALAIC, no 7-8, p.125-141, 1993.

\_\_\_\_\_. **Para comprender la comunicación masiva**. 2005 – disponível em <http://www.comunit.com/la/pensamientoestrategico/pensamiento2005/pensamiento-38.html>. último acesso em 09/01/07.

MARQUES DE MELO *et. al.* (Orgs.). **Educomídia**: o legado utópico de Mario Kaplún. São Bernardo do Campo: Unesco / Universidade Metodista de São Paulo, [s.i.]. 2006.

SERPAL – Servicio Radiofónico para América Latina. Nuestra historia hecha radio. Disponível em: <[http://www.serpal.org](http://http://www.serpal.org)> Acesso em: 15 out. 06.